

O Rio de Janeiro de Nelson Rodrigues

Denise da Costa Oliveira

O homem existe - isto é que eu quero dizer para explicar o meu horror a viagens - em função do vizinho, em função da rua, em função das esquinas que ele percorre, dos predadores, fornecedores, paisagens. Quando o homem se separa disto, então ele deixa de existir.

RODRIGUES, N. 1991, p.2

Texto e contexto cariocas

A ligação do jornalista, cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues com o Rio de Janeiro é intensa. Sua linguagem é a da prosa urbana moderna, seu contexto, a cidade: o Centro dos cafês, teatros e redações; a Aldeia Campista, onde sua família morou e a Zona Sul (Copacabana, em especial), aonde seus personagens iam “prevaricar”. Em seus textos, Rodrigues faz desfilar funcionários públicos, bicheiros, normalistas, moradores suburbanos que andam de bonde e de lotação, ouvem samba e freqüentam o Maracanã vestindo camisa do Flamengo.

Nelson Rodrigues se incumbiu de descrever o ambiente do Rio de Janeiro nas peças, nas crônicas e no trabalho como jornalista, principalmente nas décadas de 40 e 50. Como uma “flor de obsessão”, repetia temas, títulos, nomes, fatos e locais do cenário carioca. Em suas próprias palavras: *Em São Paulo, de vez em quando eu tenho vontade de sentar no meio fio, na Avenida São João, e chorar de saudade, de nostalgia profunda.* (1967, p.2).

Como os jornalistas-escritores do início do século, exerceu a literatura paralelamente ao jornalismo, deixando como legado um retrato da cidade. O contraste fica por conta do momento histórico-econômico-social e cultural do início do século e o dos anos 50. Já que o Rio de Janeiro da “Belle Époque” não apresentava as características da cidade burguesa onde se desenvolveu a democracia moderna. O peso das tradições escravista e colonial obstruía o desenvolvimento das liberdades civis, ao mesmo tempo que viciava as relações dos cidadãos com o governo. Era uma cidade de comerciantes, de burocratas e de vasto proletariado, so-

cialmente hierarquizada, pouco tocada seja pelos aspectos libertários do liberalismo, seja pela disciplina do trabalho industrial. Uma cidade em que desmoronava a ordem antiga sem que se implantasse a nova ordem burguesa, o que equivale a outra maneira de afirmar a inexistência das condições para a cidadania política. (Carvalho, 1991, p.162)

Com uma vida pessoal marcada por tragédias familiares, dificuldades financeiras, fome e tuberculose, Nelson Rodrigues surpreendeu ao escrever de forma tão mundana. Vinculado à paisagem moral do Rio de Janeiro, principalmente da Zona Norte, abordou os valores da classe média, a prostituição, o homossexualismo, o aborto, o dinheiro, o futebol, a loucura, a morte e a imprensa.

Rio de Janeiro, década de 50: cenário de Nelson Rodrigues

O Rio de Janeiro na década de 50 pode resumir a obra de Nelson Rodrigues. Os anos 40 e 50 concentram o período de maior produção do autor. A década de 50, em especial, marca uma mudança na cultura brasileira que Nelson Rodrigues absorveu: passou-se a buscar política, social e economicamente a afirmação do nacional.

Ainda com status de capital da República, na década de 50, período democrático precedido e seguido por ditaduras, o Rio de Janeiro se desenvolvia cedendo espaço à modernidade. Nesse plano de modernização os meios de comunicação tinham espaço assegurado. O rádio alcançava o auge como principal meio de comunicação de massa. Com os investimentos do Estado aliados às verbas publicitárias, a Rádio Nacional havia se tornado a mais bem equipada emissora do país, reproduzindo o populismo em sua programação e superando a tradicional Rádio Mayrink Veiga.

O controle ideológico do rádio pelo Estado serviu de impulso à radiodifusão. Após o golpe de 1930, o rádio se desenvolveu rapidamente, superando o cinema como instrumento de cultura de massa e a imprensa como meio publicitário, ao transmitir futebol e programas de música popular. A partir de então, tornou-se um poderoso meio de comunicação de massa, servindo para generalizar gostos e costumes, via uma influência cultural considerável.

Mergulhado nesse contexto, Nelson Ro-

drigues extrai das radionovelas elementos para sua obra, em especial, para os folhetins escritos sob os pseudônimos de Suzana Flag e Myrna. O público dos folhetins era o mesmo das radionovelas: principalmente as mulheres. E foi esse público que o ajudou a elevar a tiragem de vários jornais. Conforme Maria Lúcia Ribeiro, em sua tese, *Numa gentileza do creme dental Colgate, o criador dos mais belos sorrisos, momentos de poesia e romance, ou sonho e fantasia, embalavam às dez e meia da manhã, até à noite, a presença do rádio no imaginário feminino dos anos quarenta e cinqüenta, período mais intenso da produção de Nelson Rodrigues. A última novela da Rádio nacional começava às oito da noite e fornecia o material de ficção necessário aos sonhos dos ouvintes, que ali recolhiam energia capaz de alimentar suas existências insípidas, numa rotina doméstica e destruidora de qualquer devaneio.* (1988, p.329)

O sucesso do rádio obrigou jornais e revistas a se reformular. Nelson Rodrigues reflete sobre isso e critica jornalistas e jornais. A imprensa, torna-se, então, seu personagem. Leo Gilson Ribeiro, no prefácio da peça *Toda nudez será castigada*, explicita a importância da imprensa na obra de Nelson Rodrigues: *Deixando desde cedo qualquer ilusão de poder manter-se escrevendo peças de teatro, logo reconheceu que seus dramas eram mercadorias de difícil vendagem e tornou-se jornalista de profissão. Sem uma única exceção, todos os repórteres, donos de jornais e redatores são pintados como sendo pessoas cruas, vulgares e que procuram um “furo” pelos meios mais desumanos, bestiais mesmo, como o Amado Ribeiro, de Beijo no Asfalto, num ritual canibalístico que devora a sensibilidade e as emoções humanas de maneira digna dos paparazzi romanos.* (1965, p.328)

Ainda na década de 50, o Brasil foi o primeiro país da América Latina a possuir uma emissora de TV. O empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários e das Emissoras Associadas, montou em 1950 a TV Tupi de São Paulo e em 51, a TV Tupi-Rio.

A popularização da TV teve início durante o governo de Juscelino Kubitschek (1955/1960), a partir da industrialização de produtos voltados para o consumo de massa. A televisão transformou-se então, em um

novo veículo para publicidade, exercendo funções até o momento desempenhadas pelo rádio e pela imprensa.

O progresso da TV refletia o ideal desenvolvimentista que pretendia urbanizar e industrializar o país. Nas metrópoles estruturava-se uma sociedade de massas. No Estádio Municipal do Maracanã (depois Estádio Mário Filho), o futebol passou a ser o “esporte das multidões” enquanto o Rio de Janeiro era “maquiado” para receber as delegações e os jornalistas estrangeiros da Copa de 1950.

O futebol foi um dos temas privilegiados por Nelson Rodrigues em suas crônicas. Sobre esse esporte, José Murilo de Carvalho escreveu: *foi o futebol, o samba e o carnaval que deram ao Rio de Janeiro uma comunidade de sentimentos, por cima e além das grandes diferenças sociais que sobreviveram e ainda sobrevivem* (1991, p.163).

Para Nelson Rodrigues, seu irmão Mário Filho teve um papel fundamental na valorização do futebol e do carnaval na medida em que criou o concurso de escolas de samba durante o carnaval e impulsionou a mudança no jornalismo esportivo de *O Globo* e do *Jornal dos Sports*: *Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo do fato* (Rodrigues, 1970, p.49).

Então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página (Rodrigues, 1970, p.49). Esse processo de mudança alterou títulos, subtítulos, fotos. Alterou o próprio futebol, que passou a ser encarado profissionalmente e alterou o jornalista esportivo, que ascendeu e ganhou status. Como o próprio cronista relata: *Bem me lembro do tempo em que comecei a escrever esporte. Meus companheiros de seção eram pobres-diabos, mais humilhados e mais ofendidos do que o Marmeladov, de “Crime e castigo”. Um deles, quando ria ou sorria, mostrava uma antologia de focos dentários. Era costume, então, entre os clubes, oferecer um lanche à crônica. E o que nos fascinava não era o goal, ou o penalty, ou a vitória. Repito: - o que nos fascinava era o lanche.* (Rodrigues, 1970, p.48).

Nesse contexto, as classes sociais já se distinguiram e o nacionalismo alicercava decisões. Assim foi com o sonho de Brasília, tornado concreto pelo presidente Kubistchek, sob o slogan: “50 anos em 5”. Era a vitória da arquitetura modernista de Oscar Niemeyer. Nelson Rodrigues também sonhava com Brasília e criticava a oposição

à construção da nova capital. Em *Covardia*, conto da coluna *A vida como ela é...*, no jornal *Última Hora*, um dos personagens reclama: *- Acompanhe o meu raciocínio. Se o Drummond não aceita Brasília, é um falso grande poeta. Não lhe parece? A senhora admitiria um Camões, que diante do mar, perguntasse: - “Pra que tanta água?”. Pois, minha senhora, creia. Recusando Brasília, o Carlos Drummond revela-se um Camões de piscina ou nem isso: - um Camões de bacia!* (1992, p.19)

Também no teatro e no cinema o período de 1942 a 60 marcou uma busca da identidade nacional, do padrão brasileiro. Nas telas, o Cinema Novo e as chanchadas da Atlântida. No teatro, a peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, era considerada marco de fundação do moderno teatro brasileiro na montagem que Ziembinski dirigiu em 1943. Enfim, essa também foi a época em que começava a se difundir pelo país a Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud.

Jornalismo, literatura e a cidade

Unindo jornalismo e literatura, Nelson Rodrigues mostra-se simultaneamente como autor e ator. Do discurso informativo traz a compreensão da importância do receptor no processo comunicativo. Do discurso comunicativo comum absorve o coloquialismo. Utilizando diálogos mantém a proximidade com a linguagem oral.

Nelson Rodrigues desenvolveu-se na época do jornalismo literário, opinativo. Não predominava a preocupação com a objetividade nem com a neutralidade quando ele começou a escrever como repórter policial do jornal *A Manhã*. Cobria os crimes que envolviam paixão, morte e vingança, levando para as notícias elementos do drama.

Em artigo para a Folha de São Paulo, o crítico José Lino Grunewald conta que: *Nelson era um moralista que, por detrás de seus personagens suburbanamente gregos, somente desejava recolocar as coisas no devido lugar: a família, o aconchego do lar, a vida certinha e outras frescuras.* (1992, p.7).

Quando foi para *Última Hora*, em 1951, começou a escrever jornalisticamente a coluna *A vida como ela é...* baseado nas manchetes policiais. Mas, logo depois já inventava as histórias. Foi nesse jornal que conheceu mais um de seus personagens: o “copy desk” (mais modernamente redator), logo incluído no rol dos “*idiotas da objetividade*”. Isso porque, segundo o cronista, a busca incansável da objetividade e neutralidade, além

de inútil, empobrece o texto e elimina “qualquer bijuteria verbal” (Castro, 1992, p.281). Observe-se como N. Rodrigues refere-se ao redator: *Falei ontem do copy-desk. Escrevi que ele, na sua imodéstia, é capaz de reescrever qualquer Proust e qualquer Dante. Façam a seguinte experiência: - ponham um Dante na mesa do copy-desk e não ficará de pé uma vírgula da Divina Comédia.* (Rodrigues, 1993, p.160)

Ainda tratando da questão da objetividade, em crônica do livro *O óbvio ululante*, Nelson Rodrigues ataca o *Jornal do Brasil*: *O Jornal do Brasil vai mais longe. Ignora qualquer modalidade de crime e de criminosos. Os atropelados, os esfaqueados, os enforcados, que comprem outros jornais. O do Brasil não lhes dará a mínima cobertura. Um dia, por força do seu desenvolvimento, este país terá o seu vampiro. Mas não se preocupem. No dia em que alguém chupar a carótida de alguém o sangue há de tingir todas as primeiras páginas. Só a do Jornal do Brasil ficará firme no seu preto e branco* (Rodrigues, 1993, p.88).

O processo de modernização que a cidade sofria também atingia os jornais. E Nelson Rodrigues atacando a busca “incansável da objetividade”, criticava a modernização das redações, o abandono do antigo jornalismo policial, quando o drama acompanhava o crime: *Via de regra, o nosso jornal moderno tem pudor de valorizar e dramatizar o crime passional (fora os casos já referidos de O Dia e da Luta Democrática). Marido que mata mulher; ou mulher que mata marido, é tratado sem nenhum patético, em forma de pura, sucinta e objetiva informação.* (Rodrigues, 1970, p.105).

Burlando as regras do novo jornalismo que se implantava, Nelson Rodrigues criou a entrevista imaginária, recurso que une jornalismo e dramaticidade. Realizada à meia noite em um terreno baldio, na presença da cabra vadia, a entrevista imaginária permite a crítica à farsa que envolve as entrevistas convencionais. Nas entrevistas imaginárias o entrevistado não precisa ter medo da opinião pública e pode falar sobre qualquer assunto. N. Rodrigues assume o papel de confidente e uma encenação é produzida no terreno baldio. Ao final da entrevista e das declarações inusitadas, o entrevistado some na treva. Diante do sucesso, a cabra vadia acabou virando figurante viva em seu programa de entrevistas na TV Globo, no final dos anos 60.

Através da entrevista imaginária. Nel-

son Rodrigues causa a desqualificação de determinadas personalidades. Utilizando o humor como recurso, o autor provoca o esvaziamento dos conteúdos políticos e sociais. D. Hélder Câmara, “o arcebispo vermelho”, foi uma de suas vítimas. Mas, o autor também utilizou o humor em crônicas, contos e mesmo nas peças. Criando tipos como “o padre de passeata” e a “freira de minissaia” ironizou os que contestavam o regime militar pós-64 (do qual um de seus filhos seria vítima).

A cidade (i)moral

Mais do que cenário, o Rio de Janeiro de Nelson Rodrigues é personagem de reportagens, peças e crônicas. Suas tramas urbanas mostram uma cidade considerada no plano moral que anos de autoritarismo político e cultural haviam camuflado. Para abordar a ligação de N. Rodrigues com a cidade pode-se acompanhar seus movimentos cotidianos. Com fobia de avião, ele pouco saiu do Rio (nunca saiu do Brasil) e deixou cenas cariocas impressas em expressões como “o poente do Leblon” e “a orla de biquinis”. Pode-se também garimpar as pistas sobre a cidade repetidas obsessivamente em sua obra. O relógio da Glória, por exemplo, onde um tio seu foi atropelado, ressurgiu em *Vestido de Noiva*: Alaíde, a protagonista, também é atropelada ali. A Sorveteria Brasileira, na Cinelândia, onde o elenco de *Vestido de Noiva* foi comemorar o sucesso da estréia, é o cenário onde Zulmira, de *A Falecida*, traiu o marido.

A interpretação mundana que Nelson Rodrigues faz do Rio de Janeiro pode ser compreendida como forma de explicitar uma falsa moralidade imperante na cidade. Nessa perspectiva, escrevendo sobre traições, o autor estaria expondo-as à crítica. Na verdade, N. Rodrigues sintetiza uma parcela do pensamento de seu tempo, pois, como escreveu Lucien Goldmann em *Le dieu caché*, uma criação, não obstante singular e autônoma, decorre de uma certa visão do mundo, que é fenômeno coletivo na medida em que foi elaborada por uma classe social, segundo o seu ângulo ideológico próprio.

O Rio de Janeiro de Nelson Rodrigues deixa entrever o tom de perplexidade do autor diante da vida. Suas crônicas e peças dramáticas “falam” do absurdo da existência e da miserável condição do homem. O clima de época está nas entrelinhas, nas gírias, nos locais que seus personagens sensuais frequentam: Aldeia Campista, o estádio do

Maracanã, os bondes e o lotação.

Politicamente, Nelson Rodrigues aponta para uma postura conservadora, assumindo-se como “reacionário”. Paradoxalmente, então, parece que ao ter uma obra mundana, afirma-se como reacionário. Sua posição anti-intelectualismo, anti-modernidade e anti-comunismo, apostando no golpe militar de 1964, reforça isso.

Mas, sua postura não foi a de agradar: chamou seu teatro de desagradável e usou o humor como modo destruidor da autoridade dos que eram contrários às suas posições. Isso não significa que não gostasse do sucesso e do reconhecimento: usou os meios de comunicação para se promover e divulgar sua obra.

Por tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que a cidade para Nelson Rodrigues se situa mais no plano moral do que no geográfico ou político. Seus textos retratam existências anônimas de pequenos burgueses suburbanos à margem da metrópole cosmopolita. No fundo, parece sentir saudade de um Rio de Janeiro antigo no qual não viveu. Como Delgado de Carvalho descreveu: *A Avenida, o automóvel, o cinema, o ruído, a saia curta, o cabelo cortado, a imprensa amarela, mudaram tudo... já não há mais Ouvidor, nem meetings no Largo de São Francisco, nem namoro de gargarejo, nem serenatas, mas há futebol, corridas, Jockey Club, os Palaces, os chás, os dancings.* (1994, p.106).

Denise da Costa Oliveira

- *Mestre em Ciência da Informação e especialista em Sociologia Urbana. Professora da FCS/UERJ e da Faculdade Carioca. Repórter-colaboradora do caderno cultural da Tribuna da Imprensa.*

Nota

Trabalho apresentado no VI Encontro Regional de História da ANPUH, no IFCS/ UFRJ, que teve como tema o Rio de Janeiro.

Bibliografia

- CARVALHO, Delgado. *História da cidade do Rio de Janeiro*. 2ed, Rio de Janeiro: Sec. Mun. Cult, DGDIC, 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ed, São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida*

de Nelson Rodrigues. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

GOLDMANN, Lucien. *Le dieu caché*. Paris: Gallimard, 1992.

GRUNEWALD, José Lino. *Meu Nelson Rodrigues. Folha de São Paulo, Mais!*, 22/03/92, p.7.

OLIVEIRA, Denise da Costa. *Rio de Janeiro, jornalismo e literatura na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Monografia (Especialização em Sociologia Urbana - IFCH/UERJ). 1995.

_____. *Amores e pecados: Nelson Rodrigues volta à televisão na versão global de “Engraçadinha...” Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22/04/94, Caderno Tribuna Bis, p.1.

_____. *A arte de noticiar com estilo: jornalismo literário sobrevive ao tempo e se mantém nos cadernos de cultura. Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 12/04/95, Caderno Tribuna Bis, p. 1.

RIBEIRO, Leo Gilson. *Prefácio de Toda nudez será castigada*. In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro quase completo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. (Vol 4)

RIBEIRO, M^a Lucia C.R. *Drama, matéria de primeira página: o trânsito da informação em Nelson Rodrigues*. Tese de Doutorado em Letras. UFRJ, 1988.

RODRIGUES, Nelson. *Depoimento (30/06/67)*. *Revista do Museu da Imagem e do Som*. Rio de Janeiro, março de 1991.

_____. *O óbvio ululante: primeiras confissões*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

_____. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

_____. *A vida como ela é... Última Hora*. Coleção de periódicos da Biblioteca Nacional, novembro e dezembro de 1960.

_____. *Teatro completo*. Organização e prefácios de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (vol 1, 2, 3 e 4).

RODRIGUES, Sérgio. *A vida como ela era. Veja Rio*. 18/11/92. p.12-17.